

A MULHER E A MATERNIDADE: as mudanças subjetivas percebidas na mulher após a maternidade.

Luciana da Conceição Pereira ¹

Laura Freire de Andrade ²

RESUMO

O presente estudo resulta de uma investigação realizada em torno da maternidade junto a mulheres residentes na cidade de Maravilhas, Minas Gerais, Brasil, a partir da construção de um grupo focal constituído com a finalidade de discutir situações reais vivenciadas por estas mulheres de modo a captar suas opiniões sobre a relação entre a mulher e a maternidade, visando identificar as possíveis interferências sociais e emocionais ocorridas dessa fase que provoquem mudanças subjetivas na mulher, para que sob o olhar da psicologia, seja possível compreender o significado dado à subjetividade após maternidade. A pesquisa possibilitou aproximar mulheres com realidades distintas, mas que vivenciam situações iguais ou bem parecidas uma das outras, e que cada uma à sua maneira, resolve essas situações de modo a adequá-las ao seu cotidiano. Como resultado a pesquisa apontou que sobre a mulher contemporânea recaem mais cobranças devido à soma de novas responsabilidades incorporadas à sua função de mãe. Mas ao mesmo tempo, destacou o fato de que as mulheres, hoje, estão se tornando mais preparadas para lidar com essas cobranças.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Maternidade. Mudanças subjetivas. Contemporaneidade

ABSTRACT

The present study results from an investigation carried out around the maternity ward of women living in the city of Maravilhas, Minas Gerais from Brazil, from the construction of a focal group constituted with the purpose of discussing real situations experienced by these women in order to capture their opinions about the Relationship between woman and motherhood, in order to identify the possible social and emotional interferences that occurred in this phase that provoke subjective changes in the woman, so that under the view of psychology, it is possible to understand the meaning given to subjectivity after maternity. The research made it possible to approach women with different realities, but who experience similar or similar situations to each other, and that each in its own way, solves these situations in order to adapt them to their daily lives. As a result the research pointed out that on the contemporary woman there are more charges due to the sum of new responsibilities incorporated into her role as mother. But at the same time, she highlighted the fact that women today are becoming more prepared to deal with these charges.

KEYWORDS: Woman. Maternity. Subjective changes. Contemporaneity.

INTRODUÇÃO

O presente estudo resulta de uma investigação realizada em torno da maternidade junto a um grupo focal composto por mulheres que se tornaram mães, em tempos diferentes de maternidade e com perfis sociais distintos, residentes na cidade de Maravilhas/MG. A proposição de uma pesquisa em torno da temática objetivou analisar a relação entre a mulher

¹Graduanda em Psicologia pela FCV - Faculdade Ciências da Vida/ Sete Lagoas/MG. E-mail: luciannadtna@hotmail.com

² Docente da FCV - Faculdade Ciências da Vida/ Sete Lagoas/MG, especialista em Atenção a usuários de álcool e outras drogas. Mestre em Psicologia. E-mail: laurafreire8@hotmail.com

e a maternidade, aos olhos das participantes da pesquisa, visando identificar as possíveis mudanças sociais ocorridas para que seja possível compreender o significado dado à subjetividade após maternidade.

Na percepção de Badinter (1985) a difícil decisão de ter um filho, se revela como algo muito complexo, já que é uma decisão que acarreta aspectos psicológicos e sociais indissociáveis que devem ser considerados uma vez que, na sua condição de mulher, a então futura mãe, irá acumular outras tantas responsabilidades, no momento no qual aos olhos da sociedade deveria focar toda a sua atenção no gestar, dar a luz e criar o seu filho, assim evidenciando o amor maternal, como esperado. Esse amor maternal, até certo ponto exclusivista, não se manifesta em todas as mulheres de forma igual, enquanto umas tem esse amor à flor da pele, outras já não o manifestam e/ou precisam trabalhá-lo. Essas diferenças podem se originar por diversos fatores que devem ser investigados para se entender a maternidade e a mulher (BADINTER, 1985).

É importante esclarecer que a maternidade não se determina apenas pela geração de um ser. Junto com ela vem a responsabilidade pela formação desse ser e seu preparo para a vida. Logo, muitas vezes questionamentos relacionados à capacidade de conseguir criar, cuidar, dar formação moral e religiosa e repassar valores sociais para a criança, causam inquietude na mulher. Na visão de Badinter (1985), a maternidade gera angústia e cada mulher deve ser compreendida como um ser particular, que muitas vezes vai precisar de apoio emocional qualificado para compreender o que ela experiencia e sente durante e após a maternidade.

Em estudo realizado sobre a temática, Souza *et. al.* (2013), salientam que o pós-parto é um período gerador de muitos conflitos em que vários sentimentos se misturam, indo de um extremo ao outro, ou seja, da alegria à frustração. Em meio a esses sentimentos, a mulher passa por mudanças profundas, a iniciar pela perda da autonomia, se relegando a um segundo plano em favor do filho e de suas responsabilidades domésticas, tudo isso associado aos vários papéis que ainda venham a desempenhar na sociedade (SOUZA *et. al.*,2013).

Assim, diante desse cenário em que cada mulher apresenta suas individualidades, surgiu a motivação para a realização de uma pesquisa cuja intencionalidade centrou-se em levantar respostas ao seguinte questionamento: como as mães compreendem as mudanças subjetivas ocorridas após o parto, sem deixar que o seu lado mãe se sobreponha ao seu lado mulher? Foram estabelecidos como objetivos para o estudo: identificar a percepção das mulheres acerca do lugar dado ao feminino após a maternidade; abordar a relação entre a mulher e a maternidade; identificar as possíveis interferências sociais na relação entre a

mulher e a maternidade; compreender através do olhar da psicologia o significado dado à subjetividade após a maternidade. Das hipóteses foram levantadas sobre a temática, registram-se: a maternidade tende a causar mudança subjetiva na vida da mulher nos aspectos: emocional, social e profissional; a mulher após a maternidade apresenta dificuldade em manter sua relação como mulher e esposa.

A importância dessa pesquisa se justifica nas evidentes e constantes cobranças sociais que as mulheres enfrentam em relação à maternidade e ao seu papel de mãe, podendo gerar mudanças significativas na subjetividade da mulher. Entende-se ser necessária a compreensão da relação estabelecida entre o contexto contemporâneo e a maternidade, devido às mudanças que estão diretamente ligadas ao cenário ao qual a mulher que se tornou mãe está inserida. Por ser a maternidade um momento configurado pela divisão do tempo entre cuidado com a família, realização pessoal, autoimagem e a carreira, visualiza-se a psicologia como modo de reflexão e orientação à mulher/mãe a compreender todas essas transformações e experiências oriundas da maternidade, auxiliando-a na ressignificação de si mesma após a maternidade. E a partir do diálogo promovido entre mulheres que foram mães em momentos distintos, percebe-se a possibilidade de captar impressões distintas sobre como cada uma lida com a maternidade e as mudanças no estilo de vida da mulher que é mãe.

Este estudo busca trazer à tona discussões, de certa forma, veladas sobre a maternidade no intuito de informar e refletir sobre a idealização e naturalização da relação mãe e filho. Ou seja, o processo dado como natural é repensado aqui como uma construção de afeto, amor perpassado por muitos sentimentos não somente positivos e que, sobretudo são geradores de conflitos, angústia e culpa. Nesse sentido, pode-se argumentar também que cada contexto sócio-histórico traz experiências maternas distintas conforme os diferentes significados sobre a mulher e a maternidade vão se modificando. Além disso, é importante ressaltar que esta pesquisa não pretende esgotar o assunto, ao contrário, contribuir para que mulheres e homens possam reconhecer neste estudo inicial, a existência de possíveis mudanças subjetivas e novas formas de significar a mulher, a mãe e os diversos papéis e funções nos quais aquela exerce.

Como procedimentos metodológicos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para embasamento teórico, tendo como eixos descritores: mulher e maternidade, subjetividade, contemporaneidade, como base em artigos científicos publicados entre os anos de 2012 a 2017 dos bancos de dados do *scielo*, *lilacs*, sites especializados de psicologia, revistas eletrônicas de psicologia e obras literárias específicas. Na pesquisa de campo, optou-se pela técnica de grupo focal contando com participação de seis mães com filhos em idades distintas,

residentes na cidade de Maravilhas/MG, que por meio de duas sessões de grupo, as questões relacionadas à maternidade foram discutidas e as informações coletadas, analisadas através da técnica de análise do conteúdo. Espera-se que ao aproximar mulheres com percepções distintas acerca da maternidade e a subjetividade decorrente dela, seja possível realizar uma melhor compreensão sobre a subjetividade feminina, após a experiência materna.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A MULHER E A MATERNIDADE

O lugar ocupado pelas mulheres vem se modificando e junto com essas mudanças as mulheres passaram a se responsabilizar por diferentes papéis com a evolução dos tempos. Na Idade Média valorizava-se a virgindade, ou seja, a inviolabilidade do feminino e com o passar do tempo, o culto maternal passou a ganhar destaque sendo preservada a imagem da mulher mãe. Encontram-se registros que somente na passagem do século XVIII para o século XIX que a maternidade e a infância foram envolvidas numa relação de amor natural. A opção pela maternidade se tornou algo tão natural, tão inserido na mulher que não procriar (ser mãe) era percebido pela sociedade como um desvio de conduta da mulher, já que a maternidade vinha despertar o lado bondoso e pleno de amor da mulher (IACONELLI, 2012).

O surgimento do feminismo a partir da revolução industrial levantou importantes questionamentos sobre a maternidade, colocando em xeque a ideia de ser mãe algo como essencial para a realização da mulher. A mulher contemporânea passou a ter anseios e projetos de vida muito diferentes das mulheres de contextos anteriores. Essa “nova” mulher passou a ter controle sobre a melhor hora de ser mãe e assim desvincular-se da imagem exclusivista de que sua função primordial era ser mãe. A partir desse momento, a mulher se vê capaz de conciliar a maternidade com o trabalho, conforme relata Lopes, Dellazzana-Zanon, e Boeckel (2014).

Dadas às transformações sociais ocorridas ao longo dos tempos Colares e Martins (2016) destacam que a sociedade se viu modificada pelos fenômenos humanos, como a emancipação da mulher e sua inserção no mercado de trabalho. Em meio a todo processo evolutivo, a mulher passou a desejar outras coisas além da maternidade, levando à compreensão de que restringi-la apenas ao biológico anula o sujeito e sua subjetividade. Em tempos de modernidade, perceber a relação existente entre a mulher e a maternidade e suas

particularidades, desmistifica a ideia da mulher como um corpo orgânico criado para a reprodução e que se contenta com essa realização apenas (COLARES; MARTINS, 2016).

Hoje muitas mulheres conseguem sentir uma satisfação pessoal, além da maternidade e muitas optam pelo trabalho, detendo o poder de escolher ou não formar uma família, ao passo que outras, quando optam por ter um filho ou formar uma família, o fazem de acordo com os moldes que elas próprias estabelecem, no tempo e padrões estipulados por ela, seja vivendo a maternidade sozinha ou numa relação estável. Estas experiências eram antes consideradas como inimagináveis até mesmo consideradas “pecado” passíveis de punição. (PATIAS, BUAES, 2012).

Segundo Banditer (1985), o amor materno foi por muito tempo visto e compreendido como instintivo, e quando a mulher se descobria grávida, o instinto materno era manifestado. Por essa razão, acostumou-se a esperar que o comportamento de todas as mulheres correspondesse a esse modelo de comportamento perfeito. Na antiguidade a função feminina era procriativa e sexual, porém estas funções eram exercidas separadamente. A mulher que tinha uma posição social privilegiada gerava certo número de filhos e a partir daí passava a viver uma vida de abstinência, a escrava gerava a massa de trabalho, as concubinas e a prostitutas cabiam satisfazer sexualmente o amo sem gerar ônus à esposa (IACONELLI, 2012).

No decorrer do tempo, a maternidade ganhou um novo olhar, o que antes era visto como um instinto inerente a todas as mulheres, ou seja, “toda mulher nascia para ser mãe”, hoje se percebe que nem todas as mulheres se encaixam nesse papel, por não querer ou mesmo poder ter filhos. A pós-modernidade e a emancipação da mulher colocaram em xeque o amor materno que antes se entendia como inerente a todas as mulheres. Antes a mulher era criada para cuidar da casa, dos filhos, do marido, e hoje, muitas mulheres buscam primeiro a realização profissional em detrimento a maternidade, algumas optam pela maternidade tardia e outras simplesmente não se veem ocupando esse lugar (IACONELLI, 2012), (MENEZES, et al,2012).

A reprodução em si é igual para todas as mulheres e nesse aspecto ela ainda é insubstituível, assim ela se configurou como responsável aos cuidados com a infância em todas as comunidades humanas e esse saber foi passado para todas as mulheres de geração em geração. Apesar de diversas diferenças entre as culturas quanto aos cuidados com os filhos, sempre foi dado às mães o privilégio dos cuidados com as crianças, sua educação e formação enquanto pessoa em toda a história da humanidade (IACONELLI, 2012).

2.2 MATERNIDADE E A SUBJETIVIDADE

O amor materno não é algo inscrito na essência da mulher, não é determinado e sim adquirido, é composto por diversos sentimentos que possuem sentidos e significados diferentes em cada cultura e para cada mulher. A preocupação com a criança nem sempre existiu e nem era presente em todos os meios sociais, ela foi produzida pela evolução social no princípio do século XIX. Nos séculos XVII e XVIII não havia nenhum tipo de interesse pela criança, pois assim que ela nascia era entregue às amas e só voltavam para casa depois dos cinco anos. Esse comportamento de entregar a criança logo após o nascimento aponta à fragilidade do amor e desnaturaliza a concepção instintual do amor materno. Essa distância mantida por um longo período que impede o contato, a convivência torna quase impossível que se desenvolva sentimentos e afeto entre mãe e filho. Sendo assim, o amor materno como qualquer outro sentimento humano sofre influências das mais diversas instâncias sociais, econômicas e políticas na história da humanidade. (BADINTER, 1985).

Em se tratando de maternidade e do comportamento da mulher após esse estágio da vida, há de se considerar segundo Iaconelli (2012), que embora as mulheres tenham herdado aspectos ligados à espécie, não há uma padronização para a maternidade. Cada mulher desenvolve um modo próprio de lidar com a gestação, parto e puerpério não sendo igual para todas uma vez que cada uma vai experimentar e significar esse momento de forma singular e subjetiva. Essa experiência transformadora dependerá da relação estabelecida entre a mãe e o bebê, dos sentidos e significados colocados ou adquiridos no contexto familiar, social e cultural ao qual a mulher está inserida (IACONELLI, 2012).

Ainda de acordo com este autor, somente o fato de ser mulher não há que haver uma compulsoriedade entre mãe e maternidade. Essa relação é formada entre o sujeito que deseja e o que se dita em termos sociais, bem como pela relação corpo-a-corpo mantida entre a mãe e o filho. Neste sentido não se pode atrelar obrigatoriamente o feminino, a mulher e a função de mãe como constituído biológica e naturalmente uma vez que estas relações não ocorrem pela via instintual, nem tão pouco, estas são prontas e dadas como fantasiosamente se pensa no senso comum (IACONELLI, 2012).

O amor materno não é algo natural, como os demais tipos de relação afetiva necessita que seja construído no cotidiano e na relação entre mãe e filho, esta relação se desenvolve ao lado do filho e com os cuidados dedicados a ele. O amor materno não se manifesta todo o tempo, mas precisa de cuidados para que ele sobreviva. Se esses cuidados forem, por muito tempo, omitidos o afeto pode acabar por desaparecer ou nem se estabelecer. O amor depende

do desejo, ou seja, necessita ser tocado, acariciado sendo pouco provável que esse amor se desenvolva sem essas manifestações de cuidado com a criança. (BADINTER, 1985).

2.3 O SIGNIFICADO DA MATERNIDADE PARA AS MULHERES

Caracterizada como um período transformador, onde se evidenciam várias mudanças que ocorrem tanto no aspecto físico quanto no psicológico da mulher, a maternidade é considerada como um estágio revelador para a mulher. As mudanças psicológicas estão diretamente ligadas às questões emocionais relativas ao cuidado, à gravidez, ao nascimento e principalmente ao vínculo mãe/bebê. A instabilidade emocional da mulher ocorre pela gama de sentimentos conflitantes que a levam a questionar a sua capacidade em administrá-los. Muitas mães ora se recusam a falar sobre eles, ora se manifestam de forma explosiva ou emotiva demais. Por um lado, outras mulheres compreendem a maternidade como algo transformador, onde surge um amor não antes sentido, inato, incondicional, automático, que vem para afirmar sua condição de mulher e sem dúvidas passam pelo estágio de forma relativamente tranquila (MENEZES, et al,2012); (COLARES; MARTINS, 2016).

Com as mudanças ocorridas ao longo do tempo a mulher atual está dando para si outro significado, o qual ultrapassa muitas vezes o desejo materno. Hoje, muitas mulheres buscam se realizar não somente com a maternidade, há o desejo de uma realização mais ampla que é, por exemplo, ser produtiva no mercado de trabalho. A representação social da maternidade como algo determinado biologicamente e naturalizado ligado ao novo significado da mulher perante a sociedade passa a ser repensado, questionado e é levada em consideração sua subjetividade como um ser que deseja para além do filho e que possui sua individualidade e interesses próprios (COLARES; MARTINS, 2016)

Em estudos mais recentes em torno da maternidade Badinter (2015), analisa o comportamento das mulheres em torno da maternidade e da consciência delas em relação ao amor materno. Percebeu-se que as mulheres necessitam de alguém que as ouçam e que lhes fale abertamente sobre os dilemas comuns à maternidade pouco considerados como sentimentos que podem parecer contraditórios ao amor maternal como: raiva, frustração, angústia, nervosismo e tédio. Esses sentimentos tendem muitas vezes, fazer com que as mães consigam aceitá-los como normais e sem sentir culpa (COLARES; MARTINS, 2016).

Logo, entende-se ser importante levantar questões que levem à reflexão sobre a mulher querer conquistar mais para si do que somente se identificar como mulher realizada em função da maternidade. Torna-se essencial fazer a mulher de hoje entender e admitir esse

fato com facilidade e se permite falar sobre o assunto. A maternidade e seus dilemas é um assunto um tanto quanto delicado, devido às questões particulares e aos diferentes significados dado por cada mulher à maternidade (BANDITER, 2015).

A transformação que ocorreu com a mulher nas últimas décadas influenciou seu papel e sua posição na sociedade. Seus conceitos, valores e práticas mudaram, fazendo com que almejem gradativamente maior inserção social, com igualdade em relação aos homens por exemplo. A mulher da atualidade percebeu que pode e consegue desempenhar diversos papéis, sendo mãe, estando cheia de obrigações e muitas vezes cobrando de si mesma a perfeição, mas ligada a tudo ao mesmo tempo, numa espécie de onipotência. (MENEZES, et al,2012).

2.4 DILEMAS DA PÓS - MATERNIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Em se tratando de contemporaneidade, hoje o discurso social de que a mulher deve focar na sua inserção no mercado de trabalho, sob a bandeira da "igualdade" entre os sexos, aponta o porquê das mulheres se dedicarem mais ao exercício profissional e somente após a sua estabilidade financeira, optarem por ter filhos, essa relação financeira com a maternidade pode não ser vista como igual em todas as classes sociais. Nesse contexto, o trabalho fora de casa ganha, o estatuto de pré-condição para qualquer possibilidade de realização, algo próximo a um imperativo, que coexiste com outro imperativo, o de que a mulher deve ser responsável pela gestão da vida doméstica, incluindo-se aí o cuidado com os filhos. Tal fato traz consequências, como saber gerenciar "prioridades" (MENEZES, et al,2012).

Como forma de minimizar os efeitos dessas múltiplas exigências que se impõem para a mulher e da sobrecarga por elas acarretada, muitas acabam por optar pelo adiamento da maternidade para quando a vida profissional estiver mais estabilizada e, assim, a mulher não precisar estar batalhando nas duas frentes ao mesmo tempo, podendo se dedicar mais integralmente à sua função de mãe. Aliada a esta realização profissional, surge a importância de uma estabilidade financeira para que a mulher possa fazer sua opção pela maternidade (pré-condição para se ter um filho). O melhor momento para ser mãe é, portanto, aquele em que estas duas condições são, pelo menos em parte, satisfeitas. Para a maioria, a mulher só deveria ter filhos quando pudesse sozinha ou com seu companheiro, possibilitando dar a eles tudo aquilo de que necessitam ou que elas acreditam ser importante (MENEZES, et al,2012).

Como relação à sua realização pessoal enquanto mulher (autoestima e sexualidade) observa-se que muitas mulheres que foram mãe, sublimam as necessidades do corpo, se

descuidam da aparência física responsabilizando a maternidade e as responsabilidades que ela traz. Ou seja, a valorização do corpo pelo viés do discurso social dá importância mais à saúde em oposição ao mero "culto ao corpo", ou seja, se impõe à mulher como uma exigência do outro, reforçando a antiga imagem da mulher tomada como objeto. Via de regra, outras tantas mulheres mães, mantém viva a preocupação com a beleza física, a sensualidade e a "boa aparência", conscientes que ainda fazem parte da vida da mulher ((MENEZES, et al,2012).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Como procedimentos metodológicos adotados para a realização deste estudo optou-se pela pesquisa bibliográfica para embasamento teórico, tendo como eixos descritores: mulher e maternidade, subjetividade, contemporaneidade. Serviram de base artigos científicos publicados entre os anos de 2012 a 2017 dos bancos de dados do *scielo*, *lilacs*, *sites* especializados de psicologia, revistas eletrônicas de psicologia e obras literárias específicas. A pesquisa prática se efetivou na adoção da técnica de grupo focal contando com participação de seis mães voluntárias com filhos em idades distintas, residentes na cidade de Maravilhas/MG, onde em duas sessões de grupo questões relacionadas à maternidade conforme Apêndice B foram discutidas e as informações coletadas, analisadas através da técnica análise do conteúdo.

A formação do grupo focal (técnica de pesquisa ou de avaliação qualitativa, não-diretiva, que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico sugerido pelo pesquisador) se efetivou a partir da caracterização do perfil das participantes, sendo registradas informações referentes à idade, estado civil, escolaridade, profissão/ocupação e idades/sexo dos filhos de cada uma das voluntárias. Ocorreu pela abordagem direta junto às mulheres/mães, com convite para formarem um grupo para discutir a Maternidade, sendo o único critério de inclusão a condição de serem mães. Realizou-se também uma explicação sobre a intencionalidade da pesquisa, seus objetivos, bem como os esclarecimentos necessários com relação à participação voluntária, questões éticas que envolvem o respeito e sigilo da identificação das participantes e a utilização das informações coletadas com a apresentação e leitura do Termo de Esclarecimento Livre e Consentido (APÊNDICE A).

Para a realização dos encontros pré-agendados com as voluntárias, foram utilizadas as dependências do Centro de Saúde da cidade de Maravilhas/MG, as discussões foram gravadas

e depois transcritas fielmente para serem analisadas segundo os fundamentos da análise qualitativa.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 PERFIL SÓCIO DEMOGRÁFICO DAS PARTICIPANTES.

Entrevistada	Profissão	Idade	Filhos	Idade dos filhos
C	Domestica	40	2	10 e 18 anos
F	Do Lar	33	3	3, 10 e 13 anos
G	Do Lar	33	1	1 ano
S	Enfermeira	47	2	27 e 30 anos
E	Advogada	30	1	10 anos
A	Professora	36	1	3 anos

Quadro 1: Perfil das mães entrevistadas

Fonte: Dados da pesquisa

No grupo focal foram discutidos pontos significativos relacionados à maternidade e os dados produzidos nos encontros foram analisados qualitativamente utilizando a modalidade temática da análise de conteúdo pelo método da hermenêutica (que busca interpretar e explicar) as informações repassadas pelas participantes (cada uma está identificada pela inicial de cada nome e idade) e se apresentam a seguir.

4.2 O SIGNIFICADO DA MATERNIDADE E O MELHOR MOMENTO PARA A MATERNIDADE

Ao considerar as opiniões em torno do significado da maternidade, a visão das participantes aponta para um enaltecimento de uma responsabilidade assumida ao optar ter

um filho, e o sentido da maternidade é de completude da mulher, uma gratificação, um privilégio como se faltasse à mulher algo para tornar completa. Não se percebeu durante as discussões em torno do tema uma percepção de que uma mulher pode ser plena sem passar pela maternidade. Conforme alguns fragmentos abaixo pode-se “ilustrar” este sentido de completude através da maternidade:

“É ser descoberta, completando uma pessoa que já existe. É sentir-se realizada. Não existe um momento certo para ser mãe, acontece”. C(40)

“Ser mãe é uma missão de maior responsabilidade, é amar de forma mais completa, dando o melhor de si e não esperar nada em troca. Não acredito que existe momento certo para ser mãe. Algumas mulheres que já nascem prontas ou não”. A (36)

As opiniões das participantes se aproximam da opinião de Patias e Buaes (2012) que apontam que o conceito de maternidade, ao longo da história, foi sendo construída sob diferentes discursos que afirmavam que “ser mãe” seria algo sublime, uma tarefa primordial e essencial à “natureza” da mulher que ao gerar, assume a função de zeladora do bem-estar do filho. Essa anulação de si mesma é aceita, motivada e naturalizada pela sociedade. Com as mudanças ocorridas ao longo do tempo as crenças culturais ainda estão muito ligadas ao conceito de que a mulher nasceu para ser mãe e, só será completa após a maternidade (PATIAS, BUAES, 2012).

4.3 O INSTINTO MATERNO

Em se tratando da percepção das participantes sobre o instinto materno, observa-se que algumas acreditam e aceitam que ele existe e já nasce com a mulher. Para outras o instinto materno se desenvolve ao longo da gestação, a partir do momento em que se descobre estar grávida. O instinto materno estaria relacionado à satisfação de ser mãe, de poder cuidar e defender seus filhos sob qualquer situação, um sentimento inexplicável que é apenas sentido sem pensar sobre ele. (FELICE, 2006).

Nesse quesito, as participantes apontaram que o instinto materno é natural, mas concordam que nem toda mulher o possui ou é capaz de coloca-lo em prática, segundo observa-se nas afirmações feitas pelas participantes:

“Acredito que a maioria das mulheres tem esse instinto, uma ligação fechada entre mãe e filho, feita de muito amor e cuidado extremo”. C(40)

“O instinto materno na minha visão é algo que nem todas as mulheres têm, por isso, muitas não tem filhos. É natural não se adquire, nascemos com ele ou não”. F(33)

“O instinto materno se manifesta no início da gravidez e a partir daí passa a fazer parte da personalidade da mulher. É estar em constante alerta para cuidar e defender os filhos, a qualquer momento e situação”. G(33)

Na visão das participantes o instinto materno é sinônimo do amor maternal, não há diferenciação entre ambos. Para as participantes, o instinto materno é o amor que a mãe começa a desenvolver pelo filho no decorrer da gestação, que representa o seu dever de proteger o filho. As participantes acreditam que todas as mulheres nascem com esse instinto que fica oculto, que só surge com a maternidade. Conforme fragmento exposto pela participante S(47):

“Acredito que o instinto materno desperta quando se descobre que está grávida, você passa a defender com extremo cuidado o ser que está gerando, com unhas e dentes contra tudo e contra todos”. S (47)

Ou seja, para as participantes a maternidade é que traz à tona esse instinto e para compreendê-lo só se tornando mãe. Diante do exposto, visualiza-se a necessidade das mulheres entenderem que existe uma diferenciação entre o instinto maternal e o amor maternal, como defendido por Badinter (1985), o instinto materno é uma construção social ao passo que o amor materno surge naturalmente no decorrer da maternidade.

4.4 PRINCIPAIS TRANSFORMAÇÕES SOFRIDAS APÓS A MATERNIDADE

Ao discutir acerca das transformações decorrentes da maternidade, as participantes se manifestaram de forma unânime de que a maternidade representa uma transformação radical de sua realidade (comportamental e emocional), uma vez que o filho passa a ser prioridade em suas vidas. Em se tratando do radicalismo da maternidade, pode-se perceber que algumas participantes adotaram uma postura de entrega e doação praticamente ilimitada ao filho, abdicando muitas vezes de desejos, sonhos e realizações, fazendo da maternidade uma ação de se dar “por inteiro” aos filhos (PINHEIRO, 2017).

“Tudo fica mais intenso, todas as atenções passam a ser em favor [sic] da criança e o relacionamento com marido, família e amigos mesmo se querer fica abalado. Sem contar as transformações do corpo que muitas vezes não são aceitas”. E (40)

“Com a maternidade me transformei fisicamente, meu comportamento mudou, pois passei a gastar menos com futilidades, pensando em economizar para o futuro, algo que antes não me preocupava. Hoje tudo é pros filhos primeiramente”. S (47)

Já sobre as transformações emocionais decorrentes da maternidade bastante destacadas pelas participantes registram-se:

“A maternidade trouxe amadurecimento e crescimento pessoal, já que passei a ser mais compreensiva e tolerante com as coisas que acontecem diariamente. Minha maior preocupação que nada falte ao meu filho”. A (36)

“Há uma transformação total tanto no lado físico quanto no lado emocional, a gente amadurece na marra, a responsabilidade com o cuidado com filho passa a ser prioridade”. F(33).

Diante do exposto percebe-se que para as participantes a maternidade mudou a identidade de cada uma de forma quase que equivalente, uma vez que todas concordam que a responsabilidade por um filho é o fator determinante dessa mudança. Essas mudanças físicas, emocionais e comportamentais evidenciadas nas falas das participantes, apontam que a maternidade transformou a mulher, seus valores e posturas frente ao cotidiano, tornando-as maduras (MENEZES, et. al. 2012)

4.5 RELACIONAMENTOS E SEXUALIDADE APÓS A MATERNIDADE

No que se refere a relacionamentos e sexualidade após a maternidade, a maioria das participantes destaca que a maternidade muda o relacionamento com maridos e/ou parceiros e o sexo passam a ficar em segundo plano. Percebe-se uma anulação da identidade da mulher porque se tornou mãe, suas necessidades não são mais prioridade, como se fosse obrigatório se anular em favor do filho, conforme descrevem as falas das participantes a seguir:

“O relacionamento não tem jeito muda mesmo, até mesmo quando o filho é planejado. É preciso muita maturidade para resolver essas questões e muitas vezes o homem não tem paciência ou compreende a falta de vontade da mulher que muitas vezes é por cansaço, pela questão hormonal ou insegurança porque o corpo já não é mais o mesmo”. A (36)

“Com o nascimento do meu filho, meu relacionamento com meu parceiro mudou muito, tive que conviver com o ciúme do pai por causa da atenção dada ao bebê, e a sexualidade foi deixada um pouco de lado no primeiro ano de vida do meu filho. Mas conseguimos resolver com muita conversa”. F(33)

“Depois que os filhos nascem o relacionamento esfria e fica um pouco desgastado. Dividir a atenção entre filho e marido é complicado. A relação sexual não é mais a mesma. Isso pode ser o ponto negativo da maternidade”. S(47)

A postura das participantes aponta para a abdicação da vida a dois, por causa dos filhos, como defendem Azevedo e Arrais (2006, p.269): “[...] a mãe após a maternidade tem a propensão natural ao sacrifício, amor universal e automático pelos filhos”. O nascimento do filho provoca um período de transição onde a mulher passa por inúmeros questionamentos,

fica sensível e confusa, abdicando de prazeres em favor do filho. Questões como a necessidade de readequação da rotina para as tarefas mais simples do dia-a-dia levam a mulher a esquecer de se relacionar com os maridos e parceiros, familiares e amigos (SOUZA, SOUZA; RODRIGUES, 2013).

4.6 AS DIFICULDADES ENFRENTADAS APÓS A MATERNIDADE

As respostas das participantes do grupo se assemelham ao abordar as dificuldades enfrentadas pós-maternidade. As situações estressantes advindas do cotidiano preocupam as mães, além das questões financeiras e sociais, a tomada de decisão correta, a falta de apoio levam muitas vezes ao questionamento se conseguirão ou não desempenhar seus papéis. A cobrança oculta no dito popular de que “ser mãe é padecer no paraíso”, é errônea e induz à mulher a aceitar sem questionar que só será uma boa mãe se enfrentar dificuldades todos os dias. A vida não é um paraíso e nem a maternidade é padecimento interminável.

“Ser mãe não é fácil, são muitas as dificuldades diárias, a autoestima muitas vezes é baixa. Vivemos sempre pensando nos filhos: alimento, saúde, segurança. Todo pensamento é pros filhos”. A (36)

“A maior dificuldade é a criação do meu filho quase que sozinha, o pai trabalha fora e toda a responsabilidade recai sobre mim”. F(33)

“As pressões sempre são sobre como sustentar os filhos, o cuidado com a saúde deles, a educação. Como mães queremos sempre o melhor para eles e muitas vezes não conseguimos tudo que sonhamos, essa frustração é muito incômoda”. S (47)

Percebe-se na fala das participantes que das dificuldades que enfrentam após a maternidade, o sustento dos filhos e a cobrança social e íntima de ser uma boa mãe é que as preocupam. Reflete o que foi levantado Forin, Oliveira e Dias (2014) de que o novo ideal de mulher, denominado "mulher contemporânea", propõe a capacidade de conciliar os desejos pessoais com as exigências sociais (trabalho e os papéis de mãe e esposa dedicada).

4.7 O SENTIDO DA MATERNIDADE: entre o ideal e o cotidiano

Nesse momento de discussão pode-se perceber nas falas das participantes que elas conseguem diferenciar a maternidade que é idealizada pela sociedade e a maternidade na realidade. A realidade para as participantes é mais dura que o imaginário. A maternidade apresenta um lado desafiador, com situações diferentes e que exigem da mulher um comportamento firme e decisivo. A complexidade que a maternidade traz em si vai muito além do direcionar a formação do ser gerado e quando se dão conta disso, é que muitas

mulheres acabam optando por não ter muitos filhos. Nas falas das participantes pode-se perceber que todas tem uma visão bem realista acerca da maternidade:

“Ser mãe não é ser perfeita como idealizam. A maternidade só não faz da mulher uma boa mãe, acho que vencer os obstáculos diários e ver seus filhos crescendo saudáveis, felizes e bem educados é que dá sentido à maternidade”. C(40)

“Idealizar a maternidade é muito comum, a gente acredita que tudo será um mar de rosas e que com a gente será diferente do que foi com a mãe, a irmã, a amiga, mas a realidade nos mostra que depois que se têm filhos, tudo é diferente, mas não menos gratificante. A(36)

“Quando estamos grávidas criamos um cenário de perfeição, o bebê não vai chorar ou ter cólicas, adoecer. O pai será o “super” pai dividindo o cuidado sempre. Só que a realidade é bem diferente, e na maioria das vezes, a mãe fica sozinha, vive todas as responsabilidades sem apoio e isso faz a gente perceber que é preciso parar de idealizar demais sobre maternidade”. S(47)

Nota-se que a maternidade perde um pouco do glamour que a sociedade lhe confere, no momento em que a maioria assume as responsabilidades pelo filho e vive sozinha os dilemas da criação e formação, sem contar com a participação ativa dos pais que tem responsabilidades tão importantes quanto a mãe segundo Forin, Oliveira e Dias (2014).

4.8 TRABALHAR OU CUIDAR DOS FILHOS

Nos dias atuais um dos dilemas em relação à maternidade que as mulheres mais enfrentam é trabalhar ou cuidar exclusivamente dos filhos. Já se sabe que a maternidade é algo bastante sério e que acarreta fazer escolhas e renunciar a outras. As participantes neste quesito se dividiram entre as que optaram apenas cuidar dos filhos, as que trabalham fora e tem ajuda de terceiros para cuidar dos filhos e as que se adaptaram para trabalhar em casa e cuidar dos filhos. Diante desses cenários, observa-se que as mulheres estão se ajustando para viverem a maternidade de modo que nem elas nem os filhos tenham alguma perda afetiva.

“Infelizmente minha condição de mãe com três filhos me impede de deixar de trabalhar para ficar com eles. Conto com ajuda da família para olhá-los enquanto estou fora, mas não deixo de estar presente na vida deles”. E(40)

“Não tive problema nesse ponto, pois abandonar o trabalho estava fora de questão, pois tinha que retomar minha vida profissional. Preparei-me para o momento em que meu filho completasse 01 ano, teria alguém para cuidar dele”. F(33)

“Como sou sozinha e o pai viaja muito, não tive outra escolha a não ser trabalhar em casa, consegui adaptar minha vida de modo que eu possa fazer as duas coisas”. S(47)

Nota-se que a visão da mulher contemporânea diante da maternidade e o trabalho mudou, pois a realidade aponta que ela se tornou a principal responsável pelo lar, pelo

sustento familiar e pela educação dos filhos. No caso das participantes do estudo, percebe-se que elas tentam lidar com essas exigências e no momento em que ela passa a definir a sua representação com parte atuante da sociedade, ela percebe que além de ser mãe, nada a impede de trabalhar e ser mãe ao mesmo tempo. A maternidade continua sendo para a mulher um acontecimento grandioso e marcante, avaliado como o de maior importância em sua vida, mas não o único (SOUZA, SOUZA; RODRIGUES, 2013).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Neste trabalho, pretendeu-se problematizar questões ligadas à maternidade e à subjetividade da mulher. Os depoimentos registrados aqui representam a realidade das participantes do grupo focal construído para esse fim. É importante destacar que o grupo foi constituído por mulheres que são mães e que se manifestaram de forma voluntária para a pesquisa, logo, não houve um critério específico de inclusão no grupo. Torna-se relevante frisar que não foram visualizadas nos relatos das participantes, argumentações que apontem pela opção de adiamento da maternidade em decorrência de fatores sociais ou econômicos.

Os encontros realizados oportunizaram a expressão de sentimentos e emoções relacionados às vivências das mães no que se refere à maternidade pelas participantes. Poder se expressar, compartilhar seus pensamentos e sentimentos, para as participantes foi uma experiência um tanto quanto libertadora, já que puderam se manifestar sem o risco de serem julgadas e/ou condenadas por suas percepções, sentimentos e posturas. As experiências relatadas se assemelham com de outras mulheres que passaram pela maternidade e que avaliam que ser mãe é passar por uma experiência única, individual e particular.

Mesmo as mudanças hormonais, psicológicas e sociais pelas quais passaram são consideradas normais e aceitas pelas participantes, porque assim as ensinaram que são “coisas da maternidade”. A experiência do grupo focal mostrou que há uma necessidade de se desenvolver um trabalho direcionado às mulheres que querem a maternidade e apresentam dúvidas e questionamentos sobre como ser mãe e as mudanças que a maternidade traz à mulher e à sua vida, contribuindo para um preparo inicial do que ela irá viver, derrubando mitos que existem e dos quais muitas mulheres acreditam.

Pode ocorrer de outras mulheres se identificarem com o que foi levantado, no entanto, por se tratar de opiniões pessoais, não se pode tornar como regra o que foi discutido. Cada mulher percebe a maternidade de modo diferente e tem sobre a maternidade convicções que vão se assemelhar às de muitas outras mulheres, o que motiva novas investigações sobre a

temática. Assim, para estudos futuros, sugere-se que sejam realizadas novas investigações em torno do tema para levantar novas opiniões de outras mulheres com faixas etárias, perfis e universos distintos e ainda, incorporando novos sujeitos como mulheres que optaram pela maternidade pelas vias da adoção, de modo a captar as opiniões dessas mulheres sobre os pontos discutidos neste estudo. Acredita-se que uma experiência como esta trará novas percepções sobre a maternidade e a subjetividade da mulher.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Kátia Rosa; ARRAIS, Alessandra da Rocha. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre , v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006 . . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03. Mai.2017.

BANDITER, Elisabeth. **Um amor conquistado: mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S/A, 1985.

COLARES, Caroliny Sthephany dos Santos. MARTINS, Ruimarisa Pena Monteiro. **Maternidade: Uma construção social além do desejo**. Vale do Rio Verde; Três Corações, 2016. Disponível em: <http://revistas.unincor.br/index.php/iniciaçãociencia/article/view/2654/2290>. Acesso em: 10. out 2016.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

FELICE, E. M. de. **Trajetórias da maternidade e seus efeitos sobre o desenvolvimento infantil**. Mudanças: Psicologia da Saúde, São Bernardo do Campo, v. 14 , n. 1, p. 7-32, jan./jun 2006. Disponível em: http://twingo.ucb.br:8080/jspui/bitstream/10869/1670/10/Veronica_Santana_Pacheco.pdf. Acesso em: 03.mai.2017.

FIORIN, Pascale Chechi; OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade.-**Rev. bras. orientac. prof.**, São Paulo , v. 15, n. 1, p. 25-35, jun. 2014 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04. jun. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IACONELLI, Vera. **Mal estar na modernidade: do infanticídio à função moderna**. 2012. Tese (Doutorado em psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/pde-07052013.../iconelli_do.pdf. Acesso: 10. out.2016.

LOPES, Manuela Nunes; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato; BOECKEL, Mariana Gonçalves. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 22, n. 4, p. 917-928, dez. 2014 . Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000400018. Acesso em: 26 mar. 2017.

MENEZES, Rafael de Souza et al . Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos. **Constr. psicopedag.**, São Paulo , v. 20, n. 21, p. 23-47, 2012 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542012000200003&lng=pt&nrm=iso, Acesso: 10.mar.2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

PATIAS, N. D., BUAES, C. S. “Tem que ser uma escolha da mulher”! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. **Psicologia & Sociedade**; 24 (2), 300-306, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/06.pdf>. Acesso em: 26. Mar.2017

PENTEADO, Paula Antonelli. Construção social da maternidade. In: **Revista Brasileira de Terapia de Família**, 4(1), julho, 2012 (23-34). Disponível em: <http://www.abratef.org.br/2016/Revista-vol4/RevistaAbratef-V4-pag-23-34.pdf>. Acesso em: 24. mar.2017.

PINHEIRO, Victor Sales, **As mães e a ética do cuidado pessoal**. In: Doses filosóficas. 2017. Disponível em: <http://pontocritico.net.br/artigo/as-maes-e-a-etica-do-cuidado-pessoal>. Acesso em: 04. jun. 2017.

PRODANOV, Cleber Christiano. FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho Acadêmico**. Novo Hamburgo, 2. ed, 2013.

SOUZA, Bruna Moreira da Silva. SOUZA, Simone Flores de. RODRIGUES, Rosana Trindade dos Santos **O puerpério e a mulher contemporânea: uma investigação sobre a vivência e os impactos da autonomia**. São Paulo, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=; Acesso em: 30. set.2016.

APENDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada a participar como voluntária do grupo focal que busca levantar e registrar as percepções de mães em torno do tema: A Mulher e a Maternidade. Os objetivos da pesquisa centram-se em: identificar a percepção das mulheres acerca do lugar dado ao feminino após a maternidade, abordar a relação entre a mulher e a maternidade; identificar as possíveis interferências sociais na relação entre a mulher e a maternidade; através do olhar da psicologia o significado dado à subjetividade após a maternidade. As informações coletadas irão compor o TCC – Trabalho de Conclusão de Curso cujo tema é A MULHER E A MATERNIDADE: as mudanças subjetivas percebidas na mulher após a maternidade, desenvolvido pela graduanda em Psicologia Luciana da Conceição Pereira, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Psicologia pela Faculdade Ciências da Vida – FCV/ Sete Lagoas-MG, 2017. Salieta-se que sua participação no grupo a ser formado é voluntária e a sua saída do mesmo pode ocorrer a qualquer momento, caso assim deseje. É importante registrar que a participação no grupo não acarretará custos para as voluntárias e não será disponível nenhuma compensação financeira. Todas as opiniões coletadas durante os encontros semanais agendados previamente, serão divulgados, respeitando-se a guarda do sigilo das identidades de todas as participantes. Ciente das informações repassadas solicito a gentileza de assinar o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Atenciosamente, Luciana da Conceição Pereira.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome

Assinatura da Voluntária

Data

APENDICE B

Tópicos de discussão no Grupo Focal

- O significado de ser mãe
- O acúmulo de atividades das mães.
- Transformação da mulher após a maternidade.
- Relacionamento e sexualidade após o nascimento do filho.
- Dificuldades enfrentadas pela mulher com a maternidade.
- Dilemas das mães após a maternidade: cuidar dos filhos ou deixar a cargo de terceiros.
- Principais conflitos vividos após a maternidade.
- Sentido da maternidade entre o ideal e o cotidiano.
- Instinto materno

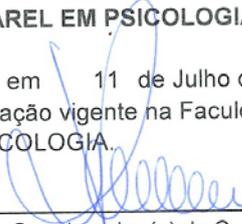
**"A MULHER E A MATERNIDADE: AS MUDANÇAS SUBJETIVAS PERCEBIDAS NA
MULHER APÓS A MATERNIDADE "**

LUCIANA DA CONCEIÇÃO PEREIRA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi submetido ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do Título de:

BACHAREL EM PSICOLOGIA

E aprovado na sua versão final em 11 de Julho de 2017
Atendendo às normas da legislação vigente na Faculdade Ciências da Vida e da
Coordenação do Curso de PSICOLOGIA.

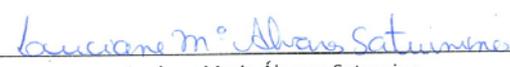


Coordenador (a) do Curso
Fernanda Dupin Gaspar

BANCA EXAMINADORA



Laura Freire Andrade
(Presidente)



Luciane Maria Álvares Saturnino
(Avaliador 1)



Lucas Avelar Vaz Rodrigues
(Avaliador 2)